

A MODERNIZAÇÃO DE ESPAÇOS HISTÓRICOS

Marcos Paulo de Andrade¹, Valéria Zanetti de Almeida²

UNIVAP/ Curso de Geografia/ Instituto Superior de Educação: Rua Tertuliano Delphin Jr. 181 , Jd. Aquarius,
São José dos Campos - SP, E-mail: mpauloand@yahoo.com.br
UNIVAP/ Laboratório de Pesquisa e documentação histórica/ IP & D: Av. Shishma Hifume, 2911, Urbanova, São
José dos Campos- SP , e-mail: vzanetti@univap.br

RESUMO- O estudo trata de um patrimônio histórico de Jacareí (SP): o espaço Santa Helena. De arquitetura arrojada para a época da construção, datada de 1910, o prédio foi o resultado da iniciativa de importantes figuras renomadas do país. A história da ocupação do espaço coincide com as transformações ocorridas na cidade. Foi naquele local que se produziu uma das mais rentáveis economias do Vale Paraíba entre as décadas de 1950 a 1990. Reconhecido nacional e internacionalmente, os tapetes artesanais da tecelagem Santa Helena incrementaram a técnica e produção local, estimulando um considerável comércio. Atualmente, as novas demandas de produção abalaram as atividades da tecelagem, transformando o espaço Santa Helena num patrimônio, condenado a um futuro bastante incerto.

Palavras-chave: História, Patrimônio, Geografia Humana, Espaço, Cultura

Área do conhecimento: Ciências Humanas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade apresentar as modificações do espaço ocorridas no antigo prédio da Tecelagem Santa Helena, tendo como abordagem o desenvolvimento sócio-econômico e cultural da cidade.

O espaço, dinâmico desde a sua criação, foi se alterando conforme as exigências do mercado. A ferrovia, instalada na segunda metade do século XX, na região, acabou causando um crescimento demográfico, transformando o espaço jacareense. Essa modificação se torna mais acentuada com a construção da via Dutra, a partir de 1950. Neste período, as propostas desenvolvimentistas levam o Estado à pensar na organização do espaço nas regiões próximas às áreas metropolitanas, em especial na região de São Paulo. O grande desenvolvimento que ocorreu na cidade metropolitana com o surgimento da industrialização, e o conseqüente declínio da expansão cafeeira, trouxe consigo um número considerável de imigrantes, mão-de-obra farta e especializada que atenderia às necessidades de produção.

Conforme observou Santos, através do espaço, a história se torna, ela própria, estrutura, estruturada em forma. E tais formas, como formas conteúdos, influenciam o curso da história pois elas participam da dialética global da sociedade.” (SANTOS, 1986:152)

O objetivo da construção do prédio Santa Helena atendia às necessidades da produção industrial, definindo os espaços internos da

construção. No decorrer de sua história, o espaço passou por alterações que extrapolavam a utilidade da função industrial. Outras atividades foram exercidas no local, até o momento que encerrou suas atividades.

Conforme esclareceu Z. Milinar, “os lugares se especializam em função de suas virtualidades naturais de sua realidade técnica, de suas vantagens de ordem social. Isso responde a exigência de mais segurança e rentabilidade para capitais obrigados a uma competitividade sempre crescente. Isso conduz a uma marcante heterogeneidade entre as unidades territoriais (Z. Milinar, 1990:58). A especialização dos espaços exige uma divisão do trabalho mais profunda também, assim como propõe uma vida de relações mais intensas. (SANTOS, 1999:198).

O espaço Santa Helena, em 1911, abrigou a Fábrica de Meias Elvira. Com a entrada de um novo sócio capitalista, vindo de São Paulo, recebeu novos investimentos em maquinários vindos da Alemanha, incrementando a produção. Desta forma a fábrica necessitava de um espaço físico maior para abrigar tais máquinas, sendo transferida para a Rua Rui Barbosa. O espaço fica assim ocupado por um clube (Clube Elvira). Antônio Jordão Mercadante utilizou – se do prédio como sede do clube , como forma de retenção da mão-de-obra em suas empresas e renovação da força trabalho de modo controlado, tornando – a mais produtiva. Ao mesmo tempo estas atividades legitimavam e ampliavam a aceitação do empresário capitalista pela sociedade.

“O espaço, portanto, é um testemunho: ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído das coisas fixadas na paisagem criada. Assim, o espaço é uma forma durável, que não desfaz paralelamente à mudança de processos: ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas.” (SANTOS, 138).

Com a desconcentração industrial na capital, incentivada pelo Estado em regiões próximas, há uma política de atrativos, com forma de atrair indústrias, localizadas próximas aos grandes mercados consumidores, como forma de organização do espaço e desenvolvimento social que diminua as diferenças regionais em determinadas regiões.

“Para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto a forma, a função e a estrutura, como se tratasse de um conceito único. Não se pode analisar o espaço através de um só desses conceitos, ou mesmo de uma combinação de dois deles. Se examinarmos apenas a forma e a estrutura, eliminando a função, o passado e o presente são suprimidos, com a idéia de transformação nos escapa e as instituições se tornam incapazes de projetar-se no futuro. Examinar forma e função sem estrutura, deixa-nos a braços com uma sociedade inteiramente estática, destruída de qualquer impulso dominante. Como a estrutura dita a função seria absurdo tentar uma análise sem este elemento”. (SANTOS, 1997:56).

MATERIAIS E MÉTODOS

Como o intuito deste trabalho é mostrar como um espaço se transforma no decorrer dos anos para se adequar ao desenvolvimento social de uma cidade, o trabalho está embasado em artigos dos jornais: Folha de São Paulo, Diário de Jacareí, Vale Paraibano e o Tablóide Cultural, depoimentos orais fornecidos pelo IBGE, fontes bibliográficas a respeito de patrimônio, industrialização, cultura e modernidade.

DISCUSSÃO

Atualmente de acordo com o desenvolvimento industrial, comercial e conseqüentemente aumento populacional da cidade de Jacareí, a área central ficou destinada, em sua maioria, ao comércio, havendo assim, uma diminuição significativa da ocupação residencial nesta área. Essas transformações acabam por agravar as condições estruturais do prédio da

antiga Tecelagem Santa Helena, devido ao grande fluxo de veículos nas imediações.

Uma vez que sua estrutura foi construída na década de 1910, época em que o trânsito era praticamente irrelevante, o prédio acabou não suportando a modernização da cidade, devido a falta de reformas pertinentes. Foi também prejudicada pela falta de visão de planejamento municipal da organização do trânsito local em décadas passadas.

Eric Hobsbawm, buscando nas ações da modernidade o sentido do passado, argumenta que as permanências do passado, como monumentos e práticas tradicionais, dizem respeito ao passado social formalizado, que é claramente mais rígido uma vez que fixa o padrão para o presente. Ele “tende a ser tribunal de apelação para disputas e incertezas do presente: a lei é igual ao costume, sabedoria dos mais velhos, em sociedades iletradas, os documentos que consagram esse passado é que, com isso, adquirem certa autoridade espiritual, fazem o mesmo em sociedades letradas ou parcialmente letradas. (HOBBSAWN, 1998:23).

Esse conceito nos mostra que o passado revela o presente e projeta o futuro, modelando-os. Os espaços remodelados, vão sendo ressignificados de acordo com a cultura e a tendência da sociedade local, mudando muitas vezes não o espaço, mas o objeto contido neste espaço. Com o uso e função modificados, o espaço, ressignificado pelos valores culturais modernos tende a se tornar sem sentido, para angústia daqueles que querem preservar o passado como forma de preservar a sua memória.

Nossa concepção cultural de tombamento está atrelada a uma inaptidão para conservar. Tombar, como esclarece Déa Fenelón, “não significa congelar, cristalizar ou perpetuar modos de organização do espaço urbano com suas edificações e usos, deve ser um sentimento maleável e articulado com a dinâmica da cidade.” (FENELON, 1992:33).

Numa sociedade tão avançada tecnologicamente, que busca a todo o momento uma versatilidade dos objetos, o espaço se altera adequando-se aos meios de produção imposto pelo capital. O espaço, por sua vez, adequa-se às determinações da economia de mercado, desumanizando os locais. Estes, por sua vez, compostos de edificações e representações de diferentes momentos históricos, se tornam resultados das determinações sociais que, através dos elementos de sua composição, tais como edifícios e monumentos, se tornam os representantes edificados de uma história local. O espaço moderno passa a ser visto como um locus ligado a uma produção de capital.

“Ao mesmo tempo, parcelas significativas do espaço geográfico, situadas, sobretudo nas cidades (especialmente nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos), escapam aos rigores das normas rígida. Velhos objetos e ações menos informadas e menos racionais constroem paralelamente um tecido em que a vida, expirada em relações pessoais mais diretas e mais freqüentes e menos pragmáticas, podem ser vividas na emoção e o intercâmbio entre os homens é criador da cultura e de recursos econômicos.” (SANTOS, 1999:185).

Milton Santos já dizia, “vivemos o tempo dos objetos, como quer Baudrillard, (1970:18),o que significa, diz ele “ que vivemos segundo o seu ritmo e a sua incessante sucessão. ”É assim que o espaço está sempre mudando em sua fisionomia, em sua fisiologia, em sua estrutura, em suas aparências e suas relações. A celeridade das mudanças deve se substancialmente, a multiplicidade de vetores que a percorrem a rapidez de sua substituição, a novidade das forças que portam e à sua incidência sobre os objetos. Estes, mesmos recente, são rapidamente trocados, revalorizados ou desvalorizados. (SANTOS, 1999:170).

A cada ano, as indústrias são obrigadas a rever conceitos que são elaborados para atender o mercado e mantê-las presente nesse mercado tão competitivo, aprimorando suas técnicas e modos de produção. Algumas até investem em questões sociais, ligadas à cultura e ao meio ambiente em que se insere em troca de redução de impostos para diminuir os encargos fiscais. Apesar da política das trocas, esse dispositivo tem contribuído para manutenção e preservação de algumas questões culturais.

Isso tudo nos leva a crer que “a formação sócio-econômica é o conceito mais adequado ao estudo da sociedade e do espaço (Moreira, 1980; Santos, 1978,1979), por expressar a totalidade espacial em seu movimento, como uma potencialidade e uma realidade. Todavia, se no estudo da realidade espacial a abstração é um procedimento necessário e legítimo, a própria fragilidade do intelecto humano impossibilita o estudo da totalidade da realidade social enquanto totalidade apenas.(DOHERTY, 1974:2),(SANTOS, 1997:57).

CONCLUSÃO

Concebe-se espaço como um fator da evolução social que interfere na economia e na cultura sendo feito de relações que se alteram de acordo com o momento vivido. Pois a essência do espaço é social, de objetos geográficos: naturais e artificiais que nos dá a natureza, mas o espaço é

tudo isso. A sociedade, cada parte da natureza, abriga uma parte da sociedade atual.

Fecharemos nossa discussão com um breve, mas ao mesmo tempo significativo trecho de Eric Hobsbawn, que fechou um de seus artigos com a seguinte observação, buscando entender o sentido do passado: “é mais fácil formular perguntas que respostas, e este ensaio tomou o caminho mais fácil em lugar do mais difícil. E no entanto, pode ser que fazer perguntas, principalmente sobre as experiências que tendemos a tomar como dadas, não seja uma ocupação sem valor. Nadamos no passado como o peixe na água, e não podemos fugir disso. Mas nossas maneiras de viver e de nos mover nesse meio requerem análise e discussão.” (HOBSBAWN,1998: 35)

REFERÊNCIAS

SANTOS, Milton .Por uma geografia nova.São Paulo.Hucitec, 1986

SANTOS, Milton.A natureza do espaço.Técnica e Tempo.Razão e Emoção.3ª ed., São Paulo, Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton.Espaço e Método,4ªed., São Paulo, NOBEL, 1997.

HOBSBAWN, Eric.O sentido do Passado.Cia das Letras, 1998.

LESSA, Simone Narciso.O Planejamento e a Construção do Pólo Regional do Vale do Paraíba, SJC, 2001.

CRUZ, Luiz Navarro da. Alice, Elvira e Helena, Semanário.Jacareí, 1999.

CRUZ, Luiz Navarro da.Manufatura de tapetes Santa Helena.O Tablóide Cultura, Jacareí, 2006.

Cultura .Jacareí foca sem espaço cultural.Vale Paraibano, Jacareí, 1997.

OPINIÃO.Santa Helena: A aventura da modernidade.Folha de São Paulo, Jacareí, 1991.

CONSUMO. Interdição do Santa Helena faz venda cair. Vale Paraibano, Jacareí, 1998.

TRABALHO. Santa Helena pode fechar hoje. Vale Paraibano, Jacareí, 1991.

NOTÍCIAS. Empresa vai levantar causas do desabamento. Diário de Jacareí, Jacareí, 1997

Fundação Cultural de Jacarehy

Arquivo Público Histórico de Jacareí, 2006.